

~ Série ~ “História de pessoas que trabalham na JICA do Brasil”

■ História No.2 ■ Natsuko Yamamoto (Coordenadora de Voluntários)



■ Natsuko Yamamoto (São Paulo, Brasil)

“Logo após o parto, minha filha foi sentenciada com “talvez não sobreviva por muito tempo”. Quando a segurei pela primeira vez, a pequena mão apertou fortemente os meus dedos e os olhos antes fechados se abriam. Os gestos trouxeram à tona, a consciência de ser mãe e eu cai em pranto. Foi o momento em que a tristeza profunda se transformou em uma forte determinação para proteger minha filha.”

A Natsuko Yamamoto foi enviada para trabalhar na JICA do Brasil em junho de 2021. Vocês verão uma história de superação vivida entre ela e a filha, por trás desse charme e alegria latinos.

Nascida em Nagoya, crescida em Saitama. Era uma menina ativa que gostava de brincar fora de casa, ao ar livre, enquanto seus pais e sua irmã 5 anos mais velha ficavam em casa, lendo livros ou escrevendo.

À medida que crescia, descobria como se expressar e ao mesmo tempo, sentia-se sufocada a menos que estivesse em ambiente onde ela fosse reconhecida.

“Eu tinha dúvidas quanto as regras rígidas do ensino fundamental II e então o Ensino Médio optei por cursar escola que não houvesse esse tipo de regras, nem uniformes.” Diz ela.

Durante o Ensino Médio entrou para o clube de banda de sopros, optando pelo trombone, instrumento que tocava desde o Ensino Fundamental II. Foi tão dedicada que treinava todos os dias, exceto nas festas de ano novo, e aprendeu com um professor famoso que deu aulas para ela.

Na época de faculdade queria cursar design artesanal, porém acabou fazendo cinema, curso indicado pelo professor e lamenta demais não ter feito o que queria.

Na faculdade, não era atenta às aulas, passou a concentrar-se nos filmes de cinema, subia no palco para participar de teatro, fez parte de banda e tocar baixo, viajava como uma mochileira pela Ásia e fazia tudo que queria.

“Era uma época muito difícil de instabilidade emocional. Talvez estivesse procurando a própria identidade,” diz sobre esse passado. Como destino de todas as pessoas, depois de se formar, foi trabalhar. Ela trabalhou em uma empresa privada por algum tempo, mas pretendia ir a algum país fora do Japão. Resolveu sair desse emprego, trocou por um serviço temporário e começou a frequentar o curso de treinamento para professores de língua japonesa.

“Da mesma forma que na época do ensino fundamental II, eu era muito cética e questionava a progressão escolar: quando terminar o Ensino Médio, teria

que entrar numa faculdade, formar-se e trabalhar. Tinha vontade de “pular fora” dessa sociedade.”

Como se fosse atender a este desejo, a fatídica retomada moldará o futuro da Natsuko.

Após receber qualificação de professora de língua japonesa, fui à Bali depois de muitos anos. E quem estava hospedada ao lado do meu bangalô era, coincidentemente, minha amiga do 3º. Ano do ensino fundamental II. O pai dela era um perito da JICA e quando reencontramos em Tokyo, ela me levou à Reunião onde se falava sobre voluntários de cooperação no exterior.

“Nunca tive contato com a JICA até então e, muito menos participar dele, como voluntária. Fiquei surpresa com a “existência deste mundo diferente”.”

Depois de me inscrever, fui aprovada para ir a El Salvador, como professora de língua japonesa.

“Ainda não consigo esquecer da emoção de receber a notificação de aprovação! Foi o momento em que meu sonho se tornou realidade. A JICA tinha me dado a chave para abrir a porta para o mundo!”

O episódio a seguir ocorreu quando Natsuko tinha 27 anos.

“E Salvador foi um lugar que pude respirar aliviada, pela primeira vez,” diz.

Ali havia uma sociedade que aceitava a diversidade e se expressavam diretamente, Encontrou estudantes com dificuldades financeiras, muito competentes sonhando com curso no exterior que estudavam com muita garra, e levavam muito a sério a política de seu país, comentando abertamente entre eles, onde ela se espelhou aprendendo a viver como eles. Depois de aperfeiçoar o espanhol no México, foi designada a trabalhar na Bolívia como coordenadora de voluntários, em local onde viu diferente cultura da região Central da América Latina.

Diferentes países têm diferentes cenários e possuem particularidades nacionais. Conhecendo os países das Américas Central e Sul, rico em diversidades não poderia designá-los de forma generalizada como “latino Americano”.

Ao término da missão na Bolívia, virou fã do cinema latino americano e passou a trabalhar no Festival Anual de cinema Latino Americano no Japão, onde conheceu um argentino, com ele resolveu mudar para Argentina, e logo estava grávida. Tinha 37 anos.

Estava muito feliz com a desejada filha. Mas, passaria por grandes provações daí em diante.

No dia do parto, a bebe não chorou (primeiro choro) e teve de ser levado imediatamente para unidade de terapia intensiva neonatal. Ela fitava a bebe deitada na incubadora, enquanto o médico dizia “a bebê tem deficiência e pode ser que não vá viver por muito tempo. Mesmo que sobreviva, ela não poderá andar por si só” O nascimento da bebe era para ser um momento muito feliz, mas “foi o pior dia da vida”, recorda ela.

A bebe foi diagnosticada com síndrome de Apert, onde há má formação na face, crânio, etc. incidência que ocorre em 1/150.000 nascidos vivos. Considerada doença muito rara e grave.

“A notícia era muito perturbadora e não saiu sequer uma lágrima. Parecia que esse assunto era de uma pessoa qualquer e não poderia estar acontecendo comigo.” Lembra ela.

Após 2 dias, a bebê saiu da incubadora e pude abraça-la pela primeira vez.

A pequena mão apertou a minha mão com tamanha força e os olhos fechados, se abriram e olhavam para mim, como se estivesse perguntando:

“Onde mamãe estava até agora?”

Olhando para ela, parece ter “caído a ficha” e eu chorei muito! E ao invés de causar profunda tristeza nela, veio à tona, o instinto materno e a grande determinação para proteger a bebe com todas as forças.

Passado 1 mês.

Algo de estranho estava acontecendo com a bebe e durante a internação, enquanto consultava o médico que dizia estar tudo bem, para descansar, porém ela permaneceu sentada na cabeceira com a bebê, sem dormir. Durante a madrugada a respiração foi ficando esparsa até parar de respirar. E o corpo dela estava ficando arroxeadado. Então gritou: -

Socorro! e pulou para o corredor para pedir ajuda.
Imediatamente a filha foi levada para unidade de terapia intensiva, pelos médicos.
Esperou algumas horas no corredor escuro. Ela sobreviveu por conseguir ligar o respirador em tempo e informaram: - Foi por um triz! Aliviada naquele momento, vertia lágrimas.

Naquela época, eu jurei para mim mesma que: "Não importa quem diga isso, ou aquilo, confiarei no meu instinto e nunca vou ficar longe da minha filha."



■ Junto com Lira, querida filha (Colón, Argentina)

Depois disso, as duas, mãe e filha continuaram a passar por provações.

Houve uma grande cirurgia que durou por 8 horas ou mais para corrigir a displasia do crânio e tratamento com um extensor. Toda vez tinha dor e a medida que sentia dor, viam-se novas cicatrizes

Quando realizei a extensão do osso facial, foi fixado o extensor diretamente na cabeça da minha filha, com parafusos, mas as conexões de metal poderiam se soltar e o médico disse: "Mãe, por favor, gire o parafuso." Até hoje sinto aquela sensação desse parafuso entrando na cabeça.

Na época a Natsuko não conseguia tempo para dormir, levava a vida nos limites físico e mental. A cada cirurgia, a filha que deveria estar com dor e inconveniência não reclamava, nem demonstrava fragilidade e graças a essa

força até os 8 anos, aguentaram juntas por 16 cirurgias.

Chegando este marco do tratamento, Natsuko começou a pensar em retomar as atividades na JICA, como coordenadora, candidatando-se na seleção de 2019. Do último envio já havia se passado 15 anos e desta vez a condição seria a de ir com a filha, mas não sabia se poderia ser aceita desta forma. Mas ela conta: "não queria estabelecer limites ou definir naquele momento".

A seleção foi temporariamente cancelada devido à pandemia de coronavírus, mas em dezembro de 2020, apesar da preocupação e ansiedade da Natsuko, a JICA consultou a sua disponibilidade de envio ao escritório do Brasil e ela foi aceita.

Ela comenta que: "Acho que a JICA levou em consideração as circunstâncias da minha filha e pensou em qual escritório me enviar. Agradeço muito por isso."



■ O gosto pela culinária fez iniciar esse curso - Sala de aula com os alunos (na sua casa em Rosário, Argentina)

Foi assim que em junho de 2021 a Natsuko chegou em São Paulo com sua filha.

A Natsuko pretende passar para os voluntários o seguinte: "A comunidade nipo-brasileira e os nikkeis são interessantes!".

"Quero trabalhar com o potencial que tem a comunidade nipo-brasileira e aprimorar o Programa de voluntários, com eles", diz ela.

"Nos últimos 20 anos morando fora do Japão, aprendi a liberdade e a responsabilidade de

escolher e incorporar o melhor do que acredito a partir de diversos valores conhecendo pessoas de diferentes origens culturais. A minha vida com minha filha, ensinou que devemos ter coragem e assumir sem medo o ser diferente dos outros ", diz a Natsuko.

Quando ela visitou o Japão para o tratamento da sua filha, as crianças que passavam na rua apontaram para sua filha e jogavam palavras cruéis, como "Monstro!". Fiquei muito surpresa ao ver os pais que as cuidavam, fingiam não ver. "Na América Latina, muitas crianças olham para minha filha e perguntam:" O que ela tem? " E se você explicar, elas entendem e as crianças começam a brincar juntos. É uma cena decisiva em que sinto que há "tolerância ao diferente" na América Latina, que é uma grande mistura de etnias que ainda é insuficiente no Japão. "Gostaria que os voluntários levem de volta ao Japão este conceito para que torne uma

sociedade cada vez mais multicultural, reconhecendo a diversidade e passar a respeitá-la para poder conviver pacificamente, é a questão mais importante para todos" disse Natsuko.

Considerando sua experiência de quando era mais jovem e os dias espetaculares que passou com sua filha, as palavras da Natsuko têm um peso incomensurável.

"Existe o eu de hoje e sou muito feliz por estar aqui porque fui voluntária da JICA. Retomei esse programa por que me oferece a oportunidade de conhecer o mundo. Gostaria que todos superem a pandemia do coronavírus e participem desse Programa de Envio de Voluntário" conta com entusiasmo.



■ Natsuko Yamamoto

Nasceu na cidade de Nagoya, província de Aichi. Signo de Leão. Em junho de 2021 chega a São Paulo com a sua filha. Pertence ao setor de Voluntários do escritório da JICA Brasil. Hobbies são cinema e manufatura artesanal (costura, tecelagem, tricô, etc.). O lema da vida é "a felicidade é decidida pelo meu coração".

** -Série- "História de pessoas que trabalham na JICA do Brasil" apresenta a equipe da JICA envolvida na cooperação internacional no Brasil. Ao focar na "pessoa", vamos compartilhar a vida de como ele é, não só em termos de trabalho, mas também na sua vida, família, episódios, etc.*